

Memórias de alforje I

Aldy Carvalho

Memórias de Alforje I

Aldy Carvalho

Dedicatória: ao overmano Raphael Reys.

Brincava eu em meu cavaleiro-de-pau de cabo de vassoura. Papai contava-me fábulas com as quais ia sonhar mais tarde e fabricava boizinhos e cabritinhos de barro para eu secá-los ao sol e só depois pô-los no curral, aumentando meu patrimônio de fazendeiro das caatingas.

Corria atrás das borboletas, Jacy, Guaracy, por entre as rosas, margaridas e suspiros do jardim de minha avó que, quase toda tardinha lia romances, Pavão Misterioso, Sofrimentos de Alzira, Coco Verde e Melancia, em versos de cordel para a gurizada, nós, os sete irmãos. Na hora do Ângelus, mamãe ia ao alpendre da casa esperar papai retornar do trabalho e nós três, minha irmã, sete, eu, dentro dos quatro (era assim que se dizia) e meu irmão, com dois anos, íamos também esperar papai apontar na esquina da rua e aí o mais afoito, corria a destramar o portão, e em desabalada carreira, eufóricos e tagarelas corríamos ao seu encontro, ganhando beijos e abraços e moedinhas de dez e cinquenta centavos que ele deixava estrategicamente nos bolsos para nossa festa e alegria: -Verifiquem somente neste e neste, esse outro bolso é o bolso da maçã, só sua mãe pode mexer. Dizia ele sorrindo. A essa época meus irmãos mais velhos, frangotes, cantavam “Help”, pulavam e se sacudiam, “pois era assim que faziam os Beatles e Rolling Stones”, diziam-se apaixonados por uma tal de Brigitte Bardot, uma tal de Barbarela, uma tal de Wanderlea. Colecionavam álbuns de figurinhas de times de futebol e eu me lembro que a figurinha de um tal de Pelé era a mais difícil, carimbada, e todo mundo queria, pois com ela completava-se o álbum e ganhava-se um prêmio valioso, bola de capotão ou bicicleta, não me recordo ao certo. Lembro que comecei a me interessar por tudo isso também, disputar no “abafa” com

os outros meninos as figurinhas faltantes, brincar de bola de gude, pião, futebol com bola de meia e de capotão, mas essa, de couro, nós e o restante dos guris da nossa rua não tínhamos dinheiro para comprar, só mesmo aos domingos após o catecismo dado pelas freiras, catecismo, ensino de religião católica apostólica romana, pois que, o outro catecismo veio só mais tarde e às escondidas, “ô coisa boa”.

Então era aquela disputa pela bola reluzente, avermelhada, quando nova. Dividiam-se os times e começava-se a peleja, eu era denominado de café com leite, ou então ia ser gandula, por ser ainda bem guri pra empreender carreira de igual pra igual com os outros moleques atrás de uma “esfera de couro”, assim se referia à bola meu irmão mais velho, que detestava futebol e preferia se divertir atirando pedras nos telhados das casas ou construindo papagaios, pipas, que saía a vender para angariar fundos para a matinê de domingo. Normalmente papai dava o dinheiro para todos irmos, desde que acompanhado de nossa avó, “para cuidar dos meninos”, mas o dinheiro das entradas meu pai dava pra ele, meu irmão mais velho, por ser ele o primogênito, o mais ajuizado. Coisa das famílias sertanejas daquela época. Os filmes, normalmente bang-bang italianos, estrelados por Burt Lancaster, Giuliano Gemma, Franco Nero. Eu não conhecia mocinho nenhum e, digasse de passagem, ao se fazer referência ao protagonista principal, nós, lá no Sertão, o chamávamos de “o artista”.

No rádio Telesparker da sala, um tal de “repórter esso”, em alta fidelidade, anunciava que o Governo estava baixando o Ato Institucional nº 2..., Pelo comentário do meu pai: - Eita! Agora eles mostram os dentes de vez, e não vão parar só nisso, vão arrasar meio mundo. Pelo visto era o bicho papão. Pernas pra que te quero, melhor esconder-me debaixo da cama ou atrás das leiras de batata lá no meio do pomar, no quintal.

Em horas da tarde, mamãe colava ouvido e toda atenção ao mesmo rádio Telesparker. Um som ora longe, longe, com chiados, ora perto, audível. Era a onda que ia e vinha das emissoras do sul com o rádio teatro e radio novela, uma delas, O Direito de Nascer e outras mais que viriam. Ninguém podia fazer barulho nem solicitar a atenção de mamãe nessa hora sagrada de lazer cultural, pois ela ficava brava, muito brava.

Tempo, tempo, tempo guardado na memória, tempos de menino.

Lembranças das férias passadas na companhia dos padrinhos em sua pequena propriedade sertaneja encravada no meio do Sertão entre baixios e serrotes. De primeiro ia com a

minha vó, pois era muito guri ainda, poderia chorar de saudades. Poucos anos depois, iria sozinho. Que maravilha chiqueirar cabras, colher mel silvestre, plantar mandioca, participar das farinhadas, debulha de feijão, subir nos imbuzeiros, chupar imbu até desbotar os dentes, caçar tatu, ver as vaquejadas e cantorias de viola.

Minha madrinha, àquela época funcionária pública, uma de suas funções era fazer a leitura dos ventos, das chuvas que por ventura pudessem ter caído por ali, naquele Sertão encantado, numa estação pluviométrica da Sudene, órgão federal, que ficava, a estação, bem no meio da caatinga, distante da casa uns três quilômetros, aonde íamos, a pé, duas vezes por dia. Quando à noite, vínhamos por uma vereda ladeada de marmeleiros e juremas, ela de farolete à mão clareando o caminho. Em época de vaga-lumes, ela apagava a lanterna para eu ver, encantado, o acende-acende dos ditos pirilampos, que de tantos que havia, iluminavam nosso caminho dispensando o farolete.

Tempo, tempo, tempo de menino, quando as novidades do mundo chegavam no galope das ondas de rádio.

Os Beatles na Inglaterra, Wandeca de mini saia, duas nações em pé de guerra, uma bate a outra faia. O Brasil é um gigante, se não ama, corra, saia. Eu, menino ignorante, naquele sertão distante, disse: Égua! Isso é paia.

Mas, quem viveu viu, a paia voar, o chicote acoitar. E houve quem não quis nem saber pro badalo não bater, a rua não encher e o soldado não prender, porém, quem soube fazer a hora não esperou acontecer.

Tempo, tempo, tempo de menino quando eu sonhava estradas, todas coloridas, bordadas.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/memorias-de-alforje-i>